



Hegel e Fukuyama: o fim da História?

Maria Rita Guercio¹

Artigo recebido em: 14/08/2020

Artigo aceito em: 06/11/2020

RESUMO

O artigo apresenta a filosofia de Hegel como base teórica segundo a qual o filósofo Francis Fukuyama tece suas considerações a respeito do fim da História. Apresentamos um resumo da filosofia de Hegel que afirma que o reconhecimento é a base das relações sociais, assim como a política liberal seria a mais propícia para a o reconhecimento da dignidade humana. Desta forma, Fukuyama nos apresenta os argumentos que o levaram a proclamar o fim da História, com base nos argumentos enunciados anteriormente por Hegel.

Palavras-chave: História. Liberalismo. Democracia. História Prospectiva.

Hegel e Fukuyama: the end of History?

ABSTRACT

The article presents Hegel's philosophy as a theoretical basis according to which the philosopher Francis Fukuyama weaves his considerations about the end of History. We present a summary of Hegel's philosophy that states that recognition is the basis of social relations, just as liberal politics would be the most conducive to the recognition of human dignity. In this way, Fukuyama presents us with the arguments that led him to proclaim the end of history, based on the arguments previously stated by Hegel.

Keywords: History. Liberalism. Democracy. Prospective History.

¹ Possui mestrado em História Econômica pela Universidade de São Paulo (2000) e aperfeiçoamento pelo Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (1996). Tem experiência na área de História, com ênfase em História da América. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7830555265662958>. Contato: mrguercio2@yahoo.com.



1 INTRODUÇÃO

Quando Francis Fukuyama afirmou em 1989 que a História havia chegado ao fim, sua declaração foi motivo de muito alarde, pois a rigor, a História está atrelada ao progresso da humanidade a qual ainda encontra-se em pleno desenvolvimento. Mas Fukuyama o fez baseado no racionalismo hegeliano, o qual aponta que a realidade tem sua origem na consciência. A História seria então uma evolução rumo ao aprimoramento da razão que é tanto sujeito quanto ator de seu fazer. A História é entendida então como a História das ideias, pois tudo tem sua origem na consciência. Para Fukuyama a derrocada do comunismo é um movimento sem volta, o qual deixa patente que não há neste período histórico um substituto ideológico para o liberalismo democrático, pois na atualidade não haveria uma contraposição ao ideário liberal que pudesse mover a História para outro processo de superação. Declinando-se sobre a filosofia de Hegel, podemos compreender melhor o posicionamento de Fukuyama.

2 HEGEL

O filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu na Alemanha (1770-1831) e foi o principal articulador do idealismo e do racionalismo alemão. Para Hegel a percepção da realidade é entendida como Espírito. Conceber a realidade como Espírito, de acordo com a filosofia de Hegel, é entendê-la não somente como objeto, mas também como sujeito, compreendendo a realidade como processo, como movimento, não como algo estagnado:

A história da humanidade é guiada do interior por uma grande força, a do Espírito ou a consciência humana coletiva, que avança para a sua própria realização e tomada de consciência através de acontecimentos na aparência caóticos e ainda pela sucessão das civilizações, correspondentes a uma fase da realização do Espírito, que é uma realidade objetiva, mas não consciente, 'trazida' de um modo fragmentário pelas consciências individuais (MINOIS, 2000, p. 473).

Essa realidade compreendida como Espírito possui uma lógica, baseada no movimento dialético, caracterizada por uma sucessão de acontecimentos. Hegel afirma que a realidade é algo vivo, dinâmico cuja mola propulsora são as contradições imanentes ao processo. O movimento de superação das contradições Hegel denomina de dialética. O movimento histórico então seria dialético bem como o pensamento no tocante a compreensão dessa realidade.

Hegel compreende esse movimento do real ou do Espírito como um devir que se realiza em três momentos, chamados de tese, antítese e síntese. Essa dinâmica é um ciclo que não se



fecha, mas segue um movimento em espiral. É um processo dialético entre oposição e contradição que se estabelece numa síntese das contradições. A realidade é uma contínua transformação, sendo que uma nova realidade só pode se apresentar enquanto superação da anterior. Hegel concebe uma História que avança para seu objetivo e que volta para o seu fim, sendo que cada época possui suas particularidades, ou seja, cada período histórico tem suas leis, técnicas, religião, de modo que sempre o que permanece é o Espírito.

Compreender a dialética da realidade exige da razão a compreensão do ponto de vista do absoluto. Quando a consciência se afasta do conhecimento comum e se eleva ao saber absoluto ela alcança a totalidade da realidade. Ou seja, o processo chega ao seu fim quando o Espírito tem consciência de si mesmo. A Razão uniria assim a subjetividade da objetividade: “Da perspectiva do idealismo hegeliano, o motor da história é a ideia, ou seja, a consciência humana que se pensa sobre si mesma e finalmente se torna auto-consciente” (FUKUYAMA, 1989, p. 9).

Na dialética senhor-escravo, Hegel formula sua teoria do reconhecimento. Para ele, a busca do ser humano pelo reconhecimento de sua dignidade, levou a uma disputa de morte por prestígio. O resultado foi a criação de uma sociedade cindida entre senhores e escravos; os primeiros dispostos a morrer nessa luta por prestígio e o segundo sucumbe ao medo da morte. Mas essa sociedade não logra o reconhecimento de nenhuma das partes. O escravo não era reconhecido como ser humano e os senhores também não eram por seus pares, mas somente por seus escravos. Essa contradição inerente nas sociedades aristocráticas engendrou a história para novos patamares de evolução:

Para Hegel, a 'contradição' inerente à relação entre domínio e servidão foi superada finalmente em consequência da Revolução Francesa e devemos acrescentar, da Revolução Americana. Essas revoluções democráticas aboliram as distinções entre senhor e escravo, fazendo dos escravos seus próprios senhores e estabelecendo os princípios da soberania popular e da supremacia da lei. O reconhecimento intrinsecamente desigual de senhores e escravos é substituído pelo reconhecimento recíproco e universal, onde cada cidadão reconhece a dignidade e a humanidade de todos os outros e onde essa dignidade é por sua vez reconhecida pelo Estado através da concessão de direitos” (FUKUYAMA, 1992, p. 19).

O processo de encontro consciente do Espírito ocorreu quando da Revolução Francesa e o estabelecimento do Estado liberal por Napoleão, pois foi o momento durante o qual a sociedade liberal avançou para a liberdade, a igualdade e a racionalidade, ficando estabelecidas no seio do Estado. Assim, a História que emerge em 1806 com a constituição do Estado liberal seria a última etapa do processo, pois se alcançou o reconhecimento universal do homem



enquanto homem.

Desta forma, Hegel já afirmava que a História chegou ao seu fim com as Revoluções Francesa e Americana, porque a mola propulsora da história, o reconhecimento, foi finalmente alcançado pelo reconhecimento universal e recíproco. A verdadeira democracia liberal ensejou o reconhecimento mútuo dos cidadãos que perpassa necessariamente pelo liberalismo econômico, estabelecendo assim a razão e o reconhecimento na História, não havendo maiores contradições a se superar. Para os teóricos como Francis Fukuyama ou Alexandre Kojève, os acontecimentos que se vislumbram no século XIX e XX não passam de correções ou ajustes históricos.

3 FUKUYAMA E HEGEL

Francis Fukuyama escreveu em 1989 um artigo intitulado "O Fim da História?" para a revista *The National Interest*. Nesse artigo Fukuyama afirma que após a Queda do Muro de Berlim, ficou evidente a vitória da democracia liberal sobre outros sistemas de governo, como o absolutismo, o comunismo ou o fascismo. Isso não significa para ele, que as democracias hoje estabelecidas, ainda mais nos países centrais, não apresentem problemas de ordem político-econômica ou injustiças sociais. Aponta ainda que não seria o fim dos fatos e dos acontecimentos relevantes que fazem parte das notícias dos jornais. Mas afirma que a História enquanto processo único e evolutivo, essa História teria chegado ao fim:

Tanto para Hegel quanto para Marx a evolução das sociedades humanas era limitada, mas terminaria quando a humanidade alcançasse uma forma de sociedade que pudesse satisfazer suas aspirações mais profundas e fundamentais. Desse modo, os dois pensadores previram um 'fim da história'. Para Hegel, seria o Estado liberal, enquanto que para Marx seria a sociedade comunista (FUKUYAMA, 1992, p. 12).

O século XX foi pleno de experiências totalitárias, tanto de esquerda quanto de direita e o que prevaleceu no final do período foi uma retomada dos princípios liberais e sua confirmação como modelo político ideal e legítimo. E à medida que os regimes democráticos se solidificam no cenário político internacional, o liberalismo econômico baseado na livre transação das mercadorias, conforma-se como o sistema econômico que prevalece e se espalha por todo o planeta. Isso porque o desenvolvimento tecnológico aplicado nas forças produtivas, bem como seu uso racionalizado, garantiu o desenvolvimento da infraestrutura capitalista de forma exponencial, que por sua vez propiciou um acúmulo de riquezas nunca antes vivenciado.



O consumismo desenfreado possibilitou a padronização e homogeneização dos costumes e a uniformização das culturas: “Os mercados globais e a disseminação de uma cultura consumista universal promovem a aproximação e ligação cada vez maior (das) sociedades entre si” (FUKUYAMA, 1992, p. 15).

Para Fukuyama, a vitória do liberalismo pode ser comprovada ao se verificar que os principais países desenvolvidos são democracias solidificadas ao passo que as economias estatizadas apresentaram índices de produtividade e de crescimento muito aquém das economias liberais. Mas afirma também que explicar a vitória do liberalismo sob o viés econômico é uma conclusão peremptória e simplista. Há motivações de ordem não econômica que garantem a primazia da democracia liberal, como o princípio da soberania popular.

Partindo da premissa não material, Fukuyama apoia-se em Hegel, quando afirma que o que move as pessoas é o desejo de reconhecimento. O filósofo Platão na *República*, explica que a personalidade humana se constitui em três partes: o desejo, a razão e o *thymos*, ou “espírito”. O desejo é que impulsiona a busca das pessoas pelas aquisições fora de si e a razão mostra o caminho para consegui-las. *Thymos* por sua vez é o reconhecimento, o valor que damos às coisas, às pessoas e a nós mesmos: *É como um senso humano inato de justiça*, conforme explica Fukuyama. A prosperidade material para Hegel não é um fim em si mesmo, mas o reconhecimento de que os bens materiais podem proporcionar às pessoas:

À medida que se elevam os padrões de vida, à medida que as populações se tornam mais cosmopolitas e melhor educadas, e à medida que a sociedade como um todo conquista uma condição de maior igualdade, o povo começa a exigir, não mais apenas riqueza, mas reconhecimento do seu status (FUKUYAMA, 1992, p. 20).

Assim, a implantação da democracia liberal generalizada substituiria o desejo irracional de reconhecimento mútuo (o que motivou muitas guerras), pela aplicação do impulso racional garantidor da legitimidade entre as diferentes nações: “O reconhecimento é o problema central da política por ser a origem da tirania, do imperialismo e do desejo de dominar” (FUKUYAMA, 1992, p. 23).

O século XX foi marcado pelas guerras totais, regimes totalitários e inúmeros exemplos de genocídios, todos propiciados, segundo Fukuyama, pela aplicação da tecnologia no desenvolvimento armamentista, sem precedentes na História. Esse quadro mórbido dificulta a pretensão da aplicação de uma História que caminha num sentido evolutivo rumo a um progressivo devir. Campos de extermínio nazistas eram um dos motivos que faziam questionar o progresso racional do Ocidente. Os Estados totalitários, principalmente países com tradição



despótica, como Rússia e China, que escolheram a alternativa comunista, qualificavam o regime democrático como fraco: “O pessimismo dos nossos dias, no que se refere à possibilidade de progresso na história, nasceu de duas crises separadas, mas paralelas: a crise da política do século XX e a crise intelectual do racionalismo ocidental” (FUKUYAMA, 1992, p. 38).

A despeito do pessimismo engendrado pelos Estados totalitários do século XX, Fukuyama afirma que a derrocada do comunismo no final do século é a confirmação de que o rumo histórico caminha sentido a uma evolução. Ditaduras tanto de direita quanto de esquerda foram sistematicamente derrubadas para serem substituídas por democracias liberais, plenamente reconhecidas pela legitimidade que o sufrágio universal pode garantir. Aliás, a razão pela qual os Estados totalitários caem em decadência é justamente em decorrência da falta de legitimidade que se acumula nos regimes totalitários. Isso ocorre de forma acentuada nos países comunistas. Há uma crise ao nível das ideias, quando os anseios espirituais não se configuram na realidade cotidiana. O atraso econômico refletia a fragilidade de muitos aspectos que permeava a legitimidade do regime comunista. Havia um grande ressentimento como resultado dos anos durante os quais imperava o terror, com mortes indiscriminadas no Estado policialesco criado durante o regime de Stalin. Era uma legitimidade baseada na coerção, agravada pela criação de uma classe de funcionários privilegiados numa sociedade cujo ideário pregava a negação de classes. Esses precedentes não davam sustentação ao regime:

Os esforços de reforma dos fins dos anos 80 não foram impostos de fora à União Soviética, embora a competição com os Estados Unidos sublinhasse a necessidade de reformas. Ao contrário, foram motivados pela crise interna de confiança que havia contaminado um amplo segmento da elite soviética na geração anterior (FUKUYAMA, 1992, p. 59).

Fukuyama afirma que o comunismo hoje não é mais ameaça para a democracia liberal, principalmente após a retirada do Exército Vermelho no Leste Europeu. O fascismo, por sua vez, não tem uma conotação universal, já que postula a superioridade de uma raça ou nação sobre outras. Isso implica num estado permanente de guerra, de conflito com outras culturas. Desta forma, o nazismo foi derrotado pelo peso das forças das armas e não por uma crise de legitimidade interna. Segundo Fukuyama: *o fascismo sofria de uma contradição interna: sua ênfase no militarismo e na guerra levou inevitavelmente a um conflito autodestrutivo com o sistema internacional* (FUKUYAMA, 1992, p. 44), também não sendo um sério competidor para a democracia liberal, apesar de fortes movimentos nacionalistas se manifestarem de forma até virulenta.

Hegel já havia declarado o fim da História no início do século XIX, quando das invasões napoleônicas sobre a Europa, colocando abaixo os Estados absolutistas. Marx, indignado diante



da permanência das injustiças sociais, tenta desmentir Hegel, quando este afirmou o fim da História: "*Marx passou a vida inteira tentando demonstrar que Hegel estava errado*", sublinha Fukuyama. O marxismo foi a tentativa de Marx em contradizer Hegel, mas com o fim dos regimes comunistas, Hegel teria prevalecido, na medida em que a implantação dos democracias liberais francesas e americanas poderiam ter corroborado com a tese do fim da História. O posicionamento atual de Fukuyama, segundo ele, só poderia ser refutado se surgisse alguma ideia sistemática de justiça social e política que se pretenda superior ao liberalismo.

Desta forma, não há hoje uma ideologia capaz de ser universalmente adequada a desafiar a democracia liberal e nenhum princípio universal de legitimidade que não seja a soberania popular. Fukuyama aponta que num estudo por toda a extensão da História, vê-se uma tendência secular na direção do regime democrático e que o liberalismo econômico é o fenômeno político mais extraordinário dos últimos quatrocentos anos. Afirma, não obstante, que a democracia não foi uma constante na História, porém o mais importante é a tendência e não a frequência de sua duração. No mundo de hoje é bem mais plausível a ideia da permanência e legitimidade que a democracia liberal oferece do que pensar numa volta a escravidão. Esta última é uma tendência muito remota. Assim, pensando na perspectiva de uma História Universal, o padrão evolucionado para todas as sociedades humanas seria rumo à democracia liberal.

4 CRÍTICAS A FUKUYAMA

Fukuyama afirma que a crítica mais comum ao seu artigo seria o desfecho peremptório que anunciou sobre o fim do marxismo. Mas para ele a URSS não tem retorno, pois o Estado soviético só poderia ser restaurado diante da recomposição do aparato militar e dos recursos que isto implica, o que é inviável. A transposição do ideário comunista sobre o mundo também não retorna mais:

Os comunistas pretendiam representar uma ideia universalista totalmente contrária ao nosso modo de vida. E foi precisamente esta concepção que motivou a URSS a fazer intervenções em todo o mundo. E é precisamente este sentido messiânico que parece com menos possibilidades de ressurgir (FUKUYAMA, 1989, p. 12).

O fundamentalismo muçulmano é uma força que também poderia fazer frente ao liberalismo, mas para Fukuyama, sua penetração não é tão forte fora da comunidade muçulmana, pois não exerce atrativo além do mundo islâmico. Ele realmente só se torna uma ameaça ao liberalismo ocidental quando nações ocidentais precisam lidar com populações de



imigrantes de difícil assimilação.

A ameaça nacionalista é bem mais séria, pois no mundo pós-histórico o nacionalismo tem um apelo bem mais evidente. Quando o comunismo retrocede na Europa, deixa manifestar demandas de reconhecimento de povos e nações que estavam mascaradas pelos regimes totalitários: “O conflito nacionalista aumentará na Europa dentro de uma ou duas décadas, não seria exagerado imaginar a volta das confrontações militares motivadas mais por fatores nacionais do que ideológicos” (FUKUYAMA, 1989, p. 12). O mundo pós-história não estará livre de conflitos. A ascensão de um nacionalismo virulento pode ser uma possibilidade diante da oposição à imigração existente. E o nacionalismo representa uma das vertentes a qual Hegel dava importância primordial, pois:

O nacionalismo é em grande parte, uma manifestação do desejo de reconhecimento que tem origem no thymos. A principal preocupação do nacionalista não pelo ganho econômico, mas o reconhecimento e a dignidade. A nacionalidade não é uma característica natural; só existe quando é reconhecida como tal (FUKUYAMA, 1992, p. 247).

A perspectiva que aqui prevalece é uma visão da História enquanto um devir progressivo, que tende a uma evolução do primitivo ao moderno. A História é o movimento do ser que se recria, compreendendo a razão inserida num processo de auto-criação. Desta forma, o aprimoramento do ser direciona sua consciência para o moderno e este para a sociedade democrática igualitária, onde prevalece o reconhecimento do indivíduo:

Se o liberalismo de Hobbes e Locke pode ser interpretado como a busca do interesse próprio racional, o 'liberalismo' hegeliano pode ser visto como a busca do reconhecimento racional, isto é, reconhecimento numa base universal, onde a dignidade de cada pessoa como ser humano livre e autônomo é reconhecida por todos. O que está em jogo para nós, quando escolhemos a democracia liberal, não é o mero fato dessa democracia nos proporcionar a liberdade para ganhar dinheiro e satisfazer a parte desejante das nossas almas. A coisa mais importante e mais satisfatória que ela nos proporciona é o reconhecimento da nossa dignidade. A vida na democracia liberal é, potencialmente, o caminho para a grande abundância material, mas mostra-nos também o caminho para o objetivo completamente não-material do reconhecimento da nossa liberdade. O Estado liberal democrático nos valoriza em nosso senso de dignidade. Assim, as partes desejantes e a tímida de nossas almas encontram satisfação (FUKUYAMA, 1992, p. 246).

Fukuyama afirma que as democracias liberais não estão isentas de problemas que exigem rápida solução, como o desemprego, as crises econômica, problemas sociais e ambientais. Mas segundo ele, existe no próprio sistema, dispositivos capazes de solucionar tais impasses e assim como a democracia liberal existe de forma definida no plano das ideias, faz-se necessário um empenho para que seja realmente implantada no plano material.



Desta forma, podemos ter alcançado o fim da História no que tange ao devir das contradições e no tocante ao reconhecimento garantido pelo sistema liberal atual. Mas devemos nos ater sobre problemas que ainda permeiam todas as sociedades. O historiador francês Georges Minois questiona se não faltaria a Fukuyama um pouco de idealização, quando este aponta que somente a liberal-democracia seria o melhor sistema de governo atualidade, como se não houvesse outras formas de gestão que pudessem articular as relações sociais, assim como ocorreu no século XVII, quando o absolutismo foi considerado o único modelo de governo possível. Minois afirma que todas as sociedades tiveram uma utopia a qual seguir, sendo necessário forjar uma ideia para que o futuro possa ser projetado e construído e sugere que existem importantes questões pendentes na atualidade, como a própria temática ambiental, que desempenharia um importante papel de projeto para o futuro.

O diplomata brasileiro Paulo Roberto de Almeida cita o escritor Bernard Cazes, cujo livro *Histoire des Futurs* (1986), enumera problemas importantes que a comunidade planetária deverá confrontar, para o pleno estabelecimento do sistema liberal:

(1) meio ambiente: rápida degradação; (2) contexto geopolítico: tendência à anarquia desde o fim dos blocos; (3) crescimento econômico mundial: lento; (4) comportamentos demográficos: natalidade em baixa, mas ainda preocupante, sobretudo nos países em desenvolvimento; (5) emprego e trabalho: os números do desemprego estão sempre em alta, a despeito das políticas mobilizadas; (6) Estado protetor: ele não pára de se retirar, mesmo aumentando a carga fiscal; (7) mudanças tecnológicas o único setor positivo (...)" (ALMEIDA, 2016, s/p).

Ainda com relação às mudanças tecnológicas, elas seriam favoráveis, na medida em que sem empreguem cada vez mais capitais e tenham garantia de pessoal qualificado.

Desta forma, seguindo os ditames de Hegel e corroborado com Fukuyama, de que a História teria chegado ao fim, pois alcançou sua síntese, qual seja, a democracia liberal, não significa que ainda não haja importantes tarefas a se cumprir, como resolver todos os problemas pendentes acima e ainda, de acordo com Minois, apontar um objetivo para que o futuro possa ser construído de acordo com esse projeto, pois se a História enquanto contradição chegou ao seu fim, no tocante a sua concepção de devir, ela continua veementemente.

5 CONCLUSÃO

Levando em conta o postulado hegeliano de reconhecimento como motivador das atividades humanas, o liberalismo se enquadra perfeitamente nesse anseio humano, não sendo necessário, no atual estágio humano, a criação de um novo ideário que instigue as ações



humanas. E se a história é a história das ideias, talvez ela tenha chegado ao fim. O liberalismo democrático caminhando junto com o liberalismo econômico, se alastram pelo planeta, engendrando um nível de satisfação material ao ser humano nunca antes alcançado. Desta forma, a hegemonia do Oeste soa perfeitamente plausível e comprovada.

Não obstante, o fim da História será muito angustiante na visão de Fukuyama, diferente quando havia uma utopia por se acreditar e lutar, a qual proporcionava um alento para se prosseguir. O fim da História será marcado por frios cálculos econômicos e suas soluções técnicas; preocupações com o meio ambiente e a incessante busca consumista por novos produtos sofisticados. Fukuyama questiona se o fim da História trará realmente satisfação para o ser humano. Se a humanidade solucionar estas contradições pendentes e encontrar aprazimento, será mesmo o fim da História. De outro lado, pode ser um novo estágio da História, durante o qual o homem não lutará por reconhecimento pelos outros, mas buscará bem-estar e reconhecimento em si próprio.

Não obstante, é patente a necessidade de um refinamento no caráter do ser humano, que os bens materiais ainda não foram capazes de suprir. O reconhecimento do valor em si parece ser o novo patamar que motiva o aprimoramento humano. Essa busca de interiorizar-se nunca foi tarefa do Ocidente. Pelo contrário, quem sempre mostrou os caminhos para o auto-aperfeiçoamento foi o Oriente. Talvez agora, com a abundância material que a hegemonia do Ocidente nos oferece, a humanidade possa finalmente cumprir sua tarefa essencial, qual seja, evoluir a consciência do *per-si*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Roberto. *Resenha do livro “História do Futuro” de Georges Minois*. <https://diplomatizzando.blogspot.com/2016/11/historia-do-futuro-de-george-minois.html>

FUKUYAMA, Francis. *A Humanidade chega ao fim da História*. O Estado de São Paulo, 29 de outubro de 1989.

_____. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

HEGEL, Georg W. F. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992

MINOIS, Georges. **História do Futuro**. Lisboa: Teorema, 2000.